

Cultura jovem e identidade: as representações do *funk* carioca em Londres

Jamile Dalpiaz

Mestre em Mídia, Comunicação e Estudos Culturais pelas universidades de Florença (Dispo) e Londres (Institute of Education), na Inglaterra, e em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRGS).

E-mail: jadalpiaz@hotmail.com

Resumo: Este artigo estuda o *funk carioca* sendo promovido em Londres e analisa as representações que envolvem não apenas a cultura jovem e a música popular, mas também questões sociais de classe, raça e gênero. Para tanto, o documentário *Sou feia, mas tô na moda* é tomado como objeto de análise. O texto divide-se em duas partes. A primeira trata do significado do *funk* nas favelas cariocas, explorando as características da cultura jovem, da música e da identidade local. A segunda identifica as representações do *funk* no documentário em relação ao contexto cinematográfico brasileiro e reflete sobre esta produção a partir da teoria *multimodal*.

Palavras-chave: Música, cinema, cultura jovem, identidade, representação.

Abstract: This research focuses on Brazilian funk being promoted in London. The main aim is to analyze the phenomenon of funk music created in the slum context in Rio de Janeiro and to identify how it has been represented in UK. To better illustrate this theme, this essay's focus is the documentary *I'm ugly but trendy*. This study is divided into sections. The first reading is concerned with the significance of funk in Rio's slums, by exploring the relationship between youth slum people, funk music and local identity. The second is concerned with the representations of funk carioca displayed through the film. The video has been selected as a *multimodal* text.

Keywords: Music, cinema, youth culture, identity, representation.

Há uma presença contínua de representações da cultura brasileira na cobertura jornalística e no meio publicitário internacional, nos quais o futebol, o carnaval e a desigualdade social são pautas de rotina. Com relação à música não é diferente: *samba*, *bossa-nova*, *axé* são estilos difundidos em emissoras de rádio e discotecas da Europa. Este artigo, no entanto, estuda o *funk carioca* sendo exibido em Londres (Inglaterra), analisando representações que envolvem a cultura jovem e a música popular. Este fenômeno salienta a emergência de espaços onde o *local* e *global* apresentam-se interligados. A escolha deste tema deve-se a uma experiência de pesquisa na capital inglesa, que viabilizou um contato com a mídia local e diferentes manifestações culturais brasileiras.

Recebido: 27.08.2010

Aprovado: 01.10.2010

Foram identificadas matérias sobre o *funk carioca* e sua introdução no contexto inglês; promoções deste estilo musical em discotecas¹ e emissoras de rádio;² além de exibições de documentário brasileiro sobre o *funk*. Estariam os ingleses compreendendo aquilo que estavam ouvindo ou assistindo? Estas representações de fato traduzem o contexto social dessas comunidades? Qual seria o efeito dessas representações sob o consumo desse tipo de música na Inglaterra? Diante disso, constatou-se a necessidade de ilustrar de que modo tais representações envolviam não somente a cultura jovem e a música, mas também questões de classe, raça e gênero presente nas imagens e nos textos das músicas veiculadas. A evidência do fenômeno resultou em problematizações quanto às práticas dos ingleses: compreensão das letras e da realidade traduzida no filme.

Portanto, o objetivo desta pesquisa é analisar o fenômeno da música *funk* criado no contexto das favelas do Rio de Janeiro a partir das representações exibidas em Londres. Este objeto será estudado sob o *olhar* das teorias da cultura no contexto globalizado das expressões da juventude. No entanto, após uma reflexão sobre o material, percebeu-se, pela complexidade do tema, a necessidade de delimitar o estudo.

Desse modo, a análise se concentra no documentário *Sou feia, mas tô na moda (I'm ugly but trendy)*, de Denise Garcia³, que narra a história de jovens cantoras de *funk* enquanto mulheres, esposas, estudantes e trabalhadoras. O documentário foi apresentado pela primeira vez no festival *Slum Dunk Music Film Programme*, em Londres, em março de 2005, seis meses antes do lançamento oficial no Brasil, o qual ocorreu no *Festival (de Cinema) do Rio*, no mesmo ano⁴.

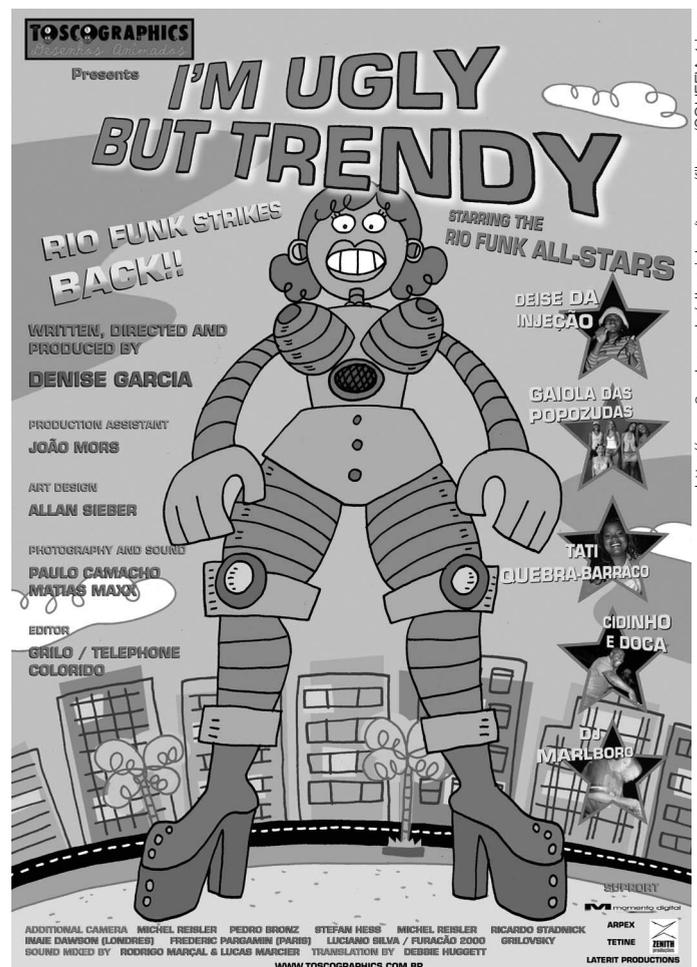
O presente artigo está dividido em duas partes. A primeira trata do significado do *funk* nas favelas do Rio, trazendo estudos que

1. A discoteca Guanabara tem como proposta apresentar no West End músicos, DJs e novidades da música brasileira. Disponível em: <<http://www.guanabara.co.uk>>.

2. A rádio BBC veicula programas de *funk carioca*, assim como o grupo de brasileiros da Tetine Band produz, às terças-feiras, o programa *Slum Dunk*, na rádio Resonance FM londrina.

3. *SOU FEIA, mas tô na moda*. Direção de Denise Garcia. Longa-metragem documentário. 61 min. Vídeo Digital. Brasil, 2004-2005.

4. A versão em inglês, para exibições no exterior, não foi disponibilizada para esta pesquisa. As imagens analisadas neste estudo foram extraídas do vídeo *trailer*, disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=PdQerRxhIDc>>. Acesso em: 12 set. 2010.



Cartaz internacional do filme.

exploram a relação dos jovens com o *funk* e a identidade local. A segunda realiza uma leitura das representações do *funk carioca* no documentário como texto *multimodal*⁵, a partir das categorias: *discurso*, *design*, *produção* e *distribuição*. A cobertura da mídia e a entrevista com a diretora Denise Garcia⁶ também são contempladas.

APROXIMAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa apoia-se nos conceitos de *identidade cultural* e *representação* com o objetivo de verificar como se manifestam no filme. A *identidade cultural* é aplicada no sentido que Hall dá ao termo:

Ponto de sutura entre, de um lado, os discursos e as práticas que nos interpelam enquanto sujeitos sociais de um determinado lugar e, de outro, de processos de produção de subjetividade, os quais nos constituem enquanto sujeitos. Identidades são estes pontos temporários de apego a posicionamentos enquanto sujeitos nos quais as práticas discursivas são construídas para e por nós⁷.

Esta perspectiva é norteadora para explorar a identidade jovem da favela em torno do *funk*, no sentido em que está formada, considerando o contexto socioeconômico no qual está inserida.

A *representação* é outra definição de Hall descrita como parte essencial do processo de construção de sentido, produzido e intercambiado por membros de uma cultura:

[...] é a produção de sentido e de conceitos nas nossas mentes por meio da linguagem. É a conexão entre os conceitos e a linguagem, que nos permite fazer referimento ao mundo “real” ou “imaginário” dos objetos, pessoas e eventos⁸.

A mídia está constantemente produzindo representações do mundo *real* visando dar sentido às mesmas em outros contextos e públicos. As imagens e as reproduções de mensagens produzidas *da* e *sobre* as identidades das favelas cariocas são representações deste universo.

A globalização⁹, a velocidade e a compressão de espaços permitiram uma integração de diferentes contextos e identidades. As representações das identidades das favelas cariocas exibidas na capital inglesa são exemplos desse processo. Bennett¹⁰, por seu turno, analisou as relações entre a música popular, a cultura jovem, o lugar e a identidade. Este autor realizou estudos etnográficos sobre o uso coletivo da música popular por jovens em lugares específicos¹¹, que evidenciam o interesse sociológico pelo *local* enquanto espaço no qual as culturas juvenis operam e grupos compartilham uma estrutura cultural de referência, em termos de conhecimento coletivo e de suas sensibilidades. Resulta deste a evidência de se relacionar o significado do conteúdo musical ao contexto cotidiano da *subcultura*¹², no qual a música é ouvida coletivamente. Portanto, acredita-se que, por meio de uma análise das características do documentário e do processo de promoção em Londres, será possível identificar elementos que constroem uma relação entre o universo carioca e londrino.

5. KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal discourse**. The modes and media of contemporary communication (Discurso multimodal: os modos e meios de comunicação contemporânea). London: Hodder Arnold, 2001.

6. A diretora do documentário, Denise Garcia, concedeu entrevista à autora e à pesquisadora Liv Sovik, em 26 de junho de 2007, em Londres.

7. HALL, S. Who needs identity? (Quem precisa de identidade?). In: DU GAY, P.; EVANS, J.; REDMAN, P. **Identity: a reader** (Identidade: um leitor). London: Sage, 2000. p. 19.

8. HALL, S. **Representation: cultural representations and signifying practices** (Representação: representações culturais e práticas significantes). London: Sage, 1997. p. 17.

9. HARVEY, D. **The condition of Post modernity**. An inquiry into the Origins of Cultural Change (A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural). London: Cambridge University Press, 1980.

10. BENNETT, A. **Popular music and youth culture**. Music, identity and place (Música popular e cultura jovem: música, identidade e lugar). New York: Palgrave, 2000.

11. Bennett (2000, p. 17) descreve a história da cultura juvenil enquanto objeto de estudo da sociologia.

12. Sobre subcultura, ver HEBDIDGE, D. **Subculture**. The Meaning of Style (Subcultura: o significado do estilo). London: Methuen, 1979.

O FUNK NO RIO DE JANEIRO

O *funk carioca* surgiu quando jovens moradores dos subúrbios começaram a compor canções a partir de músicas americanas de *hip-hop*, tocadas em clubes e festas por *Disc Jockeys* (DJs) locais. Trata-se de uma reelaboração dos grupos das favelas. No entanto, há familiaridades quanto ao conteúdo das letras: violência urbana, sexo, desigualdade social e racial, elementos do contexto suburbano. No Rio, as cantoras começaram a promover versões sem usar o *rap* (canto improvisado). Inicialmente, participavam como dançarinas, em seguida, tornaram-se Mestres de Cerimônia (MCs), ganhando notoriedade ao exibirem versões que narram histórias sobre sexo casual e o cotidiano das favelas¹³. Nos últimos anos, este fenômeno musical se espalhou por outras classes sociais. Os espaços de sociabilidade são os *bailes funks* onde as MCs passam horas fazendo performances para uma audiência de milhares de pessoas.

Existe uma diversidade de pesquisas sobre desigualdade social no Brasil; no entanto, busca-se referir neste artigo estudos sobre representações das favelas e do *funk carioca* na mídia¹⁴. Contudo, vale reconhecer que, já na década de 1980, o antropólogo Hermano Vianna¹⁵ desenvolveu pesquisa etnográfica sobre os *bailes funk* explorando o universo suburbano até então *desconhecido* do Rio. Sua contribuição descreve a introdução do *funk* nessas comunidades, nos anos 1970, e o envolvimento expansivo de público negligenciado pelas classes sociais mais favorecidas e pela mídia. No final dos anos 1980, cerca de 700 *bailes funks* aconteciam semanalmente no Rio de Janeiro. Cada um reunia, pelo menos, mil pessoas, sendo que alguns concentravam de seis a dez mil pessoas. O fenômeno ainda persiste. De acordo com Denise Garcia, são cerca de 500 bailes por semana, que reúnem mais de cinco mil pessoas cada. Se, no início, a mídia parecia *ignorar* a existência do lado carente carioca, hoje é representado pelos meios como a violenta e exótica face do país. Vianna¹⁶ aponta ainda que o *funk carioca* não sofreu imposições da indústria cultural norte-americana. As gravadoras refutaram – por muito tempo – o mercado brasileiro. Os jovens dos subúrbios apreciavam o *funk*, mas encontravam dificuldades em adquirir álbuns. No início, eram apenas os DJs a promoverem o *funk* através dos bailes. Os grupos mais conhecidos eram: *Furacão 2000* e *Soul Grand Prix*. Há também um *protagonista* nessa trajetória, o DJ Marlboro, responsável pela *nacionalização* do *funk* nas rádios locais e pela promoção de bailes.

Estudos recentes demonstram que o fenômeno suburbano do Rio não foi notícia até a década de 1990, assim como não participou da sociabilidade das classes médias cariocas até recentemente. Micael Herschmann¹⁷ comprova este paradoxo em sua análise de reportagens publicadas na imprensa sobre o *funk*. De um lado, observou que havia o *funk* identificado com a criminalidade e a violência no contexto carioca. De outro, que a música *funk* começava a ser reconhecida como expressão cultural e representação de um segmento particular. Isso explica o interesse de outras audiências, incluindo a londrina. É importante salientar, no entanto, que os elementos relacionados ao *funk carioca* e à cultura jovem da favela estão presentes na promoção e no consumo

13. VALLADARES, L. A gênese da favela carioca: a produção anterior às ciências sociais. *Revista Brasileira de Ciência Sociais*, v. 15, n. 44, p. 5-34, 2000.

14. HERSCHMANN, M. *Demonização e glamorização na mídia*. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/segulo21/pdf/demonizacao_e_glamourizacao_na_midia.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2007; e JAGUARIBE, B. *Favelas and the aesthetics of realism: representations in film and literature* (Favelas e a estética do realismo: representações nos filmes e na literatura). Disponível em: <http://www.pos.eco.ufrj.br/disciplinas/file.php/58/minhas_publicacoes/bjaguaribe1.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2007.

15. VIANNA, H. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

16. Id. *Funk e cultura popular carioca*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 244-253, 1990.

17. HERSCHMANN, M. *Demonização e glamorização na mídia*. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/segulo21/pdf/demonizacao_e_glamourizacao_na_midia.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2007.

dos *bailes funk*. Thornton (1995) contribui na compreensão da relação entre espaço e cultura:

A cultura de clubes é a cultura do gosto. As massas que frequentam clubes geralmente congregam na sua base o gosto pela música [...]. A participação na cultura de clubes constrói afinidades, sociabiliza os participantes no conhecimento daquilo que gostam ou desgostam (frequentemente em benefício de), significados e valores culturais¹⁸.

Contudo, o estilo musical é o elemento principal desta comunicação. Quando o *funk* norte-americano começou a ser difundido nos subúrbios cariocas, as comunidades jovens não compreendiam o significado das letras das músicas. Atualmente, o público de Londres – ou de outros países onde é exibido – dificilmente chegam a compreender o conteúdo linguístico. No entanto, o estilo musical está presente, convidando audiências a aprenderem mais sobre este específico contexto.

Se no início o *funk* concentrava-se nos bailes, logo surgiu um novo elemento: a mulher, que conquistou espaço e passou a invocar discursos de gênero. No passado, o papel das mulheres era apenas o de *dançarinas eróticas*. Hoje as jovens adquiriram visibilidade: são cantoras exibindo ideias, sentimentos, discursos do cotidiano, liberdade sexual e poder na estrutura socioeconômica familiar. Mais ainda, o *funk* vem estimulando as jovens a deixarem o trabalho diário – de domésticas ou cozinheiras – para perseguirem a fama como *MCs*, como demonstra o filme em questão¹⁹.

REPRESENTAÇÕES DO FUNK CARIOCA NO DOCUMENTÁRIO

É oportuno destacar aspectos do universo das favelas e do período em que o filme *Sou feia, mas tô na moda* foi produzido. O estudo de Jaguaribe²⁰ demonstra a relação contraditória existente entre a favela e a cidade no contexto brasileiro. Conforme aponta, o acesso às mercadorias e serviços é determinado pelas relações econômicas cujas proporções de distribuição de renda nestas comunidades são adversas. A produção de representações sobre as favelas tem sido utilizada como outra forma de *realismo estético*, apresentando narrativas e imagens da fragmentada identidade brasileira. A produção cinematográfica brasileira, desde a década de 1990, tem buscado representar as identidades brasileiras enfocando personagens marginalizados, comunidades carentes, cultura das drogas, violência e migração. Consequentemente, as audiências encontram uma composição de realismo e autorreferência em temas relacionados ao contexto nacional²¹. Isto explica as produções – *Cidade de Deus*, *Carandiru*, *Central do Brasil*, entre outras –, que capturaram grandes audiências ao explorar elementos da realidade brasileira. *Sou feia, mas tô na moda* possui, portanto, a mesma função cinematográfica. Desse modo, é possível afirmar que estes documentários e ficções, quando exibidos no exterior, podem também ser interpretados como textos de vanguarda.

18. THORNTON, S. *Club cultures*. Music, Media and Subcultural capital (Cultura dos clubes: música, mídia e capital subcultural). Cambridge: Polity, 1995. p. 3.

19. RUDE revolution rocks Rio. Funk carioca with four-letter lyrics is the new dance craze sweeping Brazil (Revolução selvagem sacode o Rio: *funk* carioca com versos de quatro letras é a nova mania de dança que arrebatou o Brasil). *The Times*. Disponível em: <<http://www.timesonline.co.uk/article/0,,3-1634684,00.html>>. Acesso em: 31 maio 2005.

20. JAGUARIBE, op. cit.

21. XAVIER, I. Brazilian Cinema in the 1990s: the unexpected encounter and the resentful character (Cinema Brasileiro nos anos 90: o encontro inesperado e o personagem rancoroso). In: NAGIB, L. *The new Brazilian Cinema* (O novo cinema brasileiro). London: I. B. Tauris, 2006. p. 40.

Sou feia, mas tô na moda trata do *funk* nas favelas do Rio sob o ponto de vista das cantoras, que também são mães, esposas e trabalhadoras. Hoje a presença das mulheres como *MCs* nos *bailes funk* é essencial. No entanto, vários profissionais estão envolvidos na produção dos bailes: equipes de som e iluminação, agentes, *DJs*, proprietários e empregados de clubes, vendedores ambulantes, entre outros. Pode-se afirmar que os bailes se tornaram um *negócio lucrativo* para a população dos subúrbios. O título do documentário origina-se de uma canção da *MC Tati Quebra-Barraco*, que trabalhava de cozinheira em creches antes de fazer *shows* de *funk*. Passou a receber por noite uma quantia equivalente a um mês de salário.



<<http://www2.uol.com.br/allansieber/tosco/filmes/SOUFEIA-1.jpg>>

Jovens adquiriram visibilidade: são cantoras exibindo ideias, sentimentos, discursos do cotidiano, liberdade sexual e poder na estrutura socioeconômica familiar.

Segundo a diretora Denise Garcia, a ideia nasceu do desejo de explorar a realidade dessas mulheres:

A situação do *funk* nas favelas é a mesma do movimento *punk*, quando se iniciou em Nova Iorque e Londres. Precisavam falar, mas não sabiam como; utilizaram a música e o discurso ganhou voz. Tocavam rápido para expor fúria. Quando mudei para o Rio, esperava encontrar uma cidade de classes sociais misturadas. No Rio, os negros trabalham para os brancos se divertirem. De um lado, observava as mulheres de classe média com comportamentos moralistas. De outro, percebia jovens de comunidades se expressando com o *funk* de modo diferente. Elas estão na vanguarda em termos de discurso²².

Estas características serão problematizadas a seguir a partir de *pistas* encontradas na teoria discursiva *multimodal*²³, a qual viabiliza uma análise de elementos relacionados ao significado de um texto midiático a partir de quatro

22. Entrevista citada.

23. KRESS. & VAN LEEUWEN, op. cit.

categorias: *discurso, design, produção e distribuição*. Esta perspectiva se ocupa em interpretar como os textos constroem significados a partir das formas comunicativas, tais como a linguagem, a imagem, os sons e gestos, além de buscar integrar aspectos relativos às audiências²⁴.

O vídeo inicia-se anunciando uma variedade de protagonistas e seus diferentes *discursos*: classe social, raça e gênero. São mostradas, em inglês, citações sobre a temática, que surgem na tela acompanhando o ritmo da música:

é som de preto, de favelado, mas quando toca, ninguém fica parado

intercaladas às imagens, que ilustram o conteúdo:

Mulheres desafiando os ideais da classe média (*BlackFeminist.org*).

Som revelador vindo do Brasil (*The Times*).

Feministas sem panfletos ou livro (*O Globo*).

E, ainda, depoimentos legendados:

Eles demoraram tempo pra caramba pra curtir o samba: aprenderam. Mas estão demorando muito mais pra curtir o *funk* (DJ de funk).

As representações, que tratam de liberdade sexual, também aparecem em declarações de protagonistas:

O *funk*, quando fala aquelas coisas depravadas, é o que está acontecendo mesmo (MC).

A música incentivou as mulheres colocarem pra fora (MC).

Falando assim, da mulher ficar de quatro, de lado (MC).

Realidade não é sacanagem, todo mundo gosta de fazer amor, de gozar gostoso (MC).

Esta música é feita com característica própria que lugar nenhum no mundo faz (DJ Marlboro).

Esses são extratos que demonstram reconhecimento desta identidade jovem, suburbana e musical. As cenas oferecem uma noção do *design* do documentário, mostram favelas, *bailes funk* e MCs em performances. Elas sugerem uma narrativa visual para o conteúdo e são dispostas na velocidade em que a música *funk* é exibida.

Garcia, sobre a *produção*, revelou as dificuldades enfrentadas na execução. Inicialmente foi a escolha do meio *audiovisual*, produção realizada com poucos recursos financeiros e tecnologia. Outro aspecto é a importância dos recursos humanos originais para gravações: os protagonistas do *funk* e a audiência envolvida, isto é, os jovens moradores das favelas. É possível identificar no documentário que a diretora buscou dar ênfase às diferentes personalidades do *funk* local. O vídeo apresenta *DJs* e *MCs*, além de depoimentos de pessoas de outros segmentos sobre o *funk*. Garcia salientou o valor de se compreender a linguagem do ambiente trabalhado. Ela acredita que seria difícil para um produtor estrangeiro realizar este tipo de documentário no Brasil sem dominar o idioma, fator crucial para se trabalhar com temas brasileiros. A *distribuição* do

24. BURN, A.; PARKER, D. *Analysing media texts* (Analisando textos midiáticos). London: Continuum, 2003.



MCs prontas para apresentação.

filme buscou atingir a audiência brasileira e estrangeira. Garcia revelou que, antes de concluí-lo, empenhou-se em promovê-lo no exterior. O filme continua sendo discutido com propósitos culturais e de promoção. Em Londres, foi exibido em duas ocasiões: no lançamento, em 2005; e também na *WhiteChapel Art Gallery*, em exibição comentada com a participação da diretora, em junho de 2007. Outro importante aspecto foi o contrato assinado com a distribuidora *Imovision*. Os investimentos em tecnologia permitiram a conversão em alta qualidade de projeção e a distribuição em salas de cinema e em versões em DVD.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou ilustrar a versão do *funk* recriada por comunidades jovens da periferia carioca e representada em *Sou feia, mas tô na moda*. Ao explorar o tema, questões surgiram especialmente sobre a relação deste estilo musical com a cultura jovem, a identidade e o local de sociabilidade. O documentário traduz este fenômeno numa linguagem audiovisual a partir do papel da mulher no contexto das favelas. Além disso, foi possível constatar que o *funk carioca* pode ser estudado a partir de diferentes abordagens devido à complexidade: classe social, raça e gênero. Este estudo identificou a presença destes elementos, porém reconheceu a necessidade de serem analisados individualmente. Este artigo, porém, estudou o *funk* das favelas cariocas sendo representado em Londres. Nesse sentido, três constatações podem ser feitas. Uma delas constatou que o estilo musical é o principal elemento de ligação entre as audiências do Rio e de Londres. Esta relação está situada no fato de

que o *funk carioca* é identificado com uma nova versão da música eletrônica de estilo *funk*. A segunda refere-se ao fato de que o documentário viabiliza outra possibilidade de *leitura* desse estilo, porque traduz o contexto e o apresenta a uma audiência externa, fora das comunidades originárias. O vídeo permite que a audiência se aproxime desta identidade jovem da periferia. A terceira está relacionada às identidades, isto é, o *funk carioca* é uma expressão da fragmentada identidade brasileira. Foi percebido ainda que, a fim de ser aceito como manifestação cultural no contexto interno, o elemento cultural deve ser introduzido no exterior antes de sua firmação no Brasil. Revela-se aqui um paradoxo: o *funk* obteve sucesso antes mesmo de ser vendido em discos ou CDs, em franca oposição ao processo normal de difusão de música da indústria fonográfica; no entanto, apenas ganhou notoriedade na mídia brasileira e, em outros contextos socioeconômicos, à medida que foi reconhecido fora do país como um texto de vanguarda promovido pela música.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENNETT, A. **Popular music and youth culture. Music, identity and place** (Música popular e cultura jovem: música, identidade e lugar). New York: Palgrave, 2000.
- BURN, A.; PARKER, D. **Analysing media texts** (Analisando textos midiáticos). London: Continuum, 2003.
- HALL, S. Who needs identity? (Quem precisa de identidade?). In: DU GAY, P.; EVANS, J.; REDMAN, P. **Identity: a reader** (Identidade: um leitor). London: Sage, 2000.
- _____. **Representation: cultural representations and signifying practices** (Representação: representações culturais e práticas significantes). London: Sage, 1997.
- HARVEY, D. **The condition of Post modernity. An inquiry into the Origins of Cultural Change** (A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural). London: Cambridge University Press, 1980.
- HEBDIGE, D. **Subculture. The Meaning of Style** (Subcultura: o significado do estilo). London: Methuen, 1979.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal discourse. The modes and media of contemporary communication** (Discurso multimodal: os modos e meios de comunicação contemporânea). London: Hodder Arnold, 2001.
- OSGERBY, B. **Youth Media** (Mídia da juventude). London: Routledge, 2005.
- THORNTON, S. **Club cultures. Music, Media and Subcultural capital** (Cultura dos clubes: música, mídia e capital subcultural). Cambridge: Polity, 1995.
- VALLADARES, L. A gênese da favela carioca: a produção anterior às ciências sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 15, n. 44, 2000.

VIANNA, H. *Funk* e cultura popular carioca. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, 1990.

_____. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

XAVIER, I. Brazilian Cinema in the 1990s: the unexpected encounter and the resentful character (Cinema brasileiro nos anos 90: o encontro inesperado e o personagem rancoroso). In: NAGIB, L. **The new Brazilian Cinema** (O novo cinema brasileiro). London: I. B. Tauris, 2006.

Endereços eletrônicos

HERSCHMANN, M. Demonização e glamorização na mídia. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21/pdf/demonizacao_e_glamourizacao_na_midia.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2007.

FILME sobre as mulheres do *funk* terá sua estreia mundial em Londres. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u40483.shtml>>. Acesso em: 11 mar. 2005.

JAGUARIBE, B. **Favelas and the aesthetics of realism: representations in film and literature** (Favelas e a estética do realismo: representações nos filmes e na literatura). Disponível em: <http://www.pos.eco.ufrj.br/disciplinas/file.php/58/minhas_publicacoes/bjaguaribe1.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2007.

LONDRES vai ganhar seu próprio Baile Funk. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/cultura/story/2004/04/040330_funkebc.shtml>. Acesso em: 7 abr. 2004.

RUDE revolution rocks Rio. Funk carioca with four-letter lyrics is the new dance craze sweeping Brazil (Revolução selvagem sacode o Rio: *funk* carioca com versos de quatro letras é a nova mania de dança que arrebatou o Brasil). **The Times**. Disponível em: <<http://www.timesonline.co.uk/article/0,,3-1634684,00.html>>. Acesso em: 31 maio 2005.